

Apertem os cintos

Wilson Figueiredo

O verbo decolar fala português fluente, mas não perdeu o sotaque de origem. Mostra que é filho do verbo francês — está na cara —, embora entre nós tenha restringido à aeronáutica o seu uso. Tem um irmão brasileiro, parecidíssimo com ele, mas voltado para atividades genéricas e não especializadas. Descolar é vulgar.

Abstendo-se de apresentar os seus motivos, a sucessão presidencial consagrou de vez o verbo decolar para definir a situação em que se encontram as candidaturas diante da sua própria razão de ser: depois de lançadas à rua, há candidaturas que decolam e outras que não conseguem dizer a que vieram.

Decolar não é apenas um galicismo para esnobar eleitor e enervar candidatos. Há razões ocultas na coincidência. Para um francês, guarda muitos significados. É mais do que romper o contato com uma superfície ou interromper uma aderência. Tem, e não está no fim da fila dos significados, o sentido de degolar. Isso mesmo. *Décoller* é também cortar o pescoço de alguém e, especificamente, decepar a cabeça do bacalhau. Os dicionários não explicam direito. O sentido aeronáutico, porém, foi o último a se incorporar à pluralidade de uso desse verbo tão prático na França quanto no Brasil.

Não teria, por acaso, a sucessão presidencial — ao relacionar candidaturas e aviões para efeito de levantar vôo — se valido do verbo decolar com a intenção de instigar a curiosidade de procurar o sentido na própria Revolução Francesa, tão remexida na passagem dos seus 200 anos? Os acontecimentos de 1789 exageraram, mas fazem ainda hoje mais cabeças do que cortaram no seu tempo histórico.

Não é nesse sentido particularmente francês que o verbo decolar vem sendo aplicado às candidaturas presidenciais. Sua utilidade prática, com a exclusão da letra S, que figura no similar nacional, é verificar se cada um dos pretendentes apumou na preferência dos eleitores. As pesquisas são para os candidatos o que são para os pilotos os simuladores de vôo, com a programação de todas as hipóteses de risco.

Firmou-se entre nós, como a segunda natureza desse verbo que tem um irmão gêmeo brasileiro, a utilidade no mais alto nível eleitoral. Politizou-se o nosso espaço aéreo, mas são as pesquisas de intenções eleitorais que dizem se um candidato decolou ou se continua com as rodas no chão. Era inevitável por isonomia — fenômeno igualitário da Nova República — a extensão do verbo decolar à política num Brasil tão pós-moderno que deixou o presidente Sarney tão pré-passado. O infeliz, num dado momento histórico, deu a impressão de que ia decolar. Ficou um ano inteiro na cabeceira da pista, chegou a levantar vôo, fez voltas em torno do próprio umbigo retórico e desceu atabalhoadamente. Acabou num cavalo de pau o governo Sarney.

Uma nação com o currículo aeronáutico do Brasil — berço do pai da própria aviação e contando com uma Embraer — importou da França por descuido alfandegário o verbo decolar quando já dispunha, estabelecido no dicionário e com franquia popular, o similar nacional com um leque de aplicações diversas em terra, mar e ar. O verbo versátil decolar que se aplica a qualquer situação. Tem até utilidade financeira: descola-se tanto um empréstimo bancário, quanto importância menor num corpo-a-corpo.

Só faltava ao Brasil a sucessão presidencial para a decolagem chegar à política. Seria um desperdício utilizar-se o verbo em eleição de governadores, pois são tantos, que, tendo de decolar ao mesmo tempo, provocariam uma revoada. Soube esperar desde 1960 para sair agora do hangar onde desempenhava sua especialidade exclusiva. Embora opere mais na fronteira entre a terra e o ar, o verbo decolar se considera um divisor de águas eleitorais. Se uma candidatura não decola, não tem o que fazer em campo.

Os partidos no Brasil são agências de viagem que vendem sonhos coletivos em prestações a perder de vista e que perdem de vista a própria viagem. Não se pode querer que a maior companhia brasileira no gênero — o PMDB — decole apenas para fazer número no céu. Precisa providenciar antes a retirada da tralha que acumulou em quatro anos de governo. É que governo. Para decolar só poderá levar projetos leves de felicidade coletiva, especialmente providenciados para os menos agraciados socialmente, porém mais supridos de votos.

Nenhuma dessas possantes máquinas voadoras e nenhum dos seus incríveis candidatos contavam com o sucesso dessa asa-delta que sobrevoa as cabeças atônitas. Perplexidade é isso, o resto é consequência. Qual o segredo? A candidatura Collor de Mello, porque é ele só, não transporta o passado. Pela lógica (se é lícito citar essa senhora em tal situação), a candidatura Ulysses Guimarães vai sobressair em breve, mas de outro ponto de vista. Quem se mantiver no mesmo lugar nas malévolas intenções de voto se sentirá em ascensão, já que todos os outros estão descendo.

Os comícios do PMDB, conforme a televisão mostra, não exprimem intenções recolhidas de porta em porta. Não existe comício de intenções. Os otimistas residuais do PMDB estão convencidos de que a situação se resolverá no segundo turno, mas no primeiro já se pode dizer em latim que "De Ulyssibus et Colloribus non disputatur". Vai ser no voto.

Todas essas candidaturas fazem ruído para esquentar os motores, mas até agora só decolou o ultraleve fabricado em Alagoas e que as intenções de voto puseram indevidamente nas nuvens. Em compensação, os demais continuam com os pés no chão e nem por isso estão entendendo direito.

As condições políticas de 1945 pareciam favoráveis à candidatura Eduardo Gomes, e ninguém se lembrou de observar se ele havia decolado. O candidato da UDN desfrutou de um céu de brigadeiro de onde, entretanto, não choveram os votos para elegê-lo. Viuse que, antes das pesquisas, já se erravam os prognósticos — e sem ajuda da ciência.

Pela primeira vez em quase meio século não se tem uma candidatura militar — de terra, mar ou ar. Nunca houve tantos candidatos e, não obstante, parece que ainda falta alguém. Será a ausência de uma candidatura militar, como acontecia em todas as eleições presidenciais desde 45, a causadora desse vazio? Só a última eleição dispensou a garantia castrense: absteram-se os militares, tanta era a impopularidade da eleição indireta, mas os civis fizeram de conta que, com eles, não teria importância. Tinha, e muita, como se vê.

Sempre houve candidatura militar nas nossas eleições diretas, a título de garantia de respeito às urnas, mas por iniciativa dos políticos. Os militares perderam todas, mas garantiram o resultado. Nas indiretas só houve candidaturas militares. Em compensação jamais os civis se aventuraram a competir com militares na indireta. Há um empate: Ou, se alguém preferir, um impasse a resolver.